

# PAULO

Bruno Seabra

À minha prima  
D. MARIA AMÉLIA  
e  
a seu excelente marido  
O DR. FRANCISCO MANOEL DAS CHAGAS  
Estima e amizade

Caro Bruno. - Mandas-me perguntar o que penso do teu Paulo.

Tu bem sabes que sou um pouco severo com as nossas coisas de literatura, e tua amizade não tem poder nossas ocasiões, porque então não conheço amigos: vejo o livro, não sei do autor.

Portanto, crê-me: sou favorável ao Paulo.

O nosso bom J. mandou-me o original, acompanhando-o uma carta; nesta ele diz-me o que pensa a respeito. Na verdade, aquele coração de poeta, aquela cabeça inspirada que vergou ao peso do mundo, não estudou encômios para dispensar aos amigos.

Não sei que intenções são as tuas, mas dava-te um conselho, se vais imprimir o teu *Paulo* põe-lhe como prólogo a carta do nosso J., que mais judicioso o não encontrarás.

Aí te envio a carta: ela é que penso de Paulo.

Adeus.

Todo teu,

Insulano.

Desterro, 22 de fevereiro de 1861.

Meu caro S... - Tu foste sempre o meu companheiro infalível naqueles dias em que eu me aplaudia do desenvolvimento que tomava a literatura da nossa pátria; trabalhávamos ambos com a mocidade que nos vivificava o coração; tu, incansável, corajoso e forte: eu, obscuro e humilde nessa luta de moços, belos guerreiros do pensamento, cujas armas eram o talento e a força de ânimo, e cuja arena, o futuro do nosso belo país.

Cansamos, ou melhor, as circunstâncias nos fizeram cansar; quebrar indiferenças abater assim o desprezo e o desânimo gerais, seria querer galvanizar cadáveres há muito sepultos: o destino nos afastou dessa torrente harmoniosa que a muitos levou de vencida, e ficamos sós com as nossas a esperanças abatidas, com os nossos esforços inutilizados embora, mas com a crença e o entusiasmo no seio da alma.

Podemos, pois, nós dois conversar sobre o caminho que vão levando as letras nesta terra vilã e cheia de estorvos para o talento, assim em silêncio, no calado de nossas discussões ficaremos a coberto de qualquer malévola insinuação, assim como poderemos aplaudir-nos dos triunfos daqueles nossos antigos camaradas de estudo.

É sobre o trabalho de um deles que te vou dizer alguma coisa, sem pretensão a crítico, antes por aquele velho costume de comunicarmos mutuamente nossas idéias, nossos sentimentos, nosso espírito, em uma palavra.

Escrever-se um romance, meu amigo, não creio que seja coisa fácil, mesmo que já os tens escrito debes ter sentido o embaraço com que se luta, já não digo na formação do enredo, no drama que mais ou menos maravilhoso pode passar pela cabeça de um moço de imaginação rica e fértil como a tua; mas principalmente na naturalidade com que se sucedem as cenas, na propriedade, na descrição dos costumes do país em que se vive, e, ainda mais, na linguagem que não deve estar fora da verossimilhança, e não deve, por exemplo, ser ataviada e pomposa na boca de um pobre campônio e ridícula e áspera na de um cortesão.

Por esses motivos e talvez ainda por outros, têm sido os romances escassos entre nós; ao passo que abundam os poetas, estamos a míngua de romancistas e, entretanto, quantas lendas curiosas e típicas não povoam as nossas velhas e esquecidas crônicas! quantos episódios romanescos, abrigados no seio de nossas famílias, não esperam uma pena que os traduza, uma cabeça que os possa compreender!

Tu sabes disso muito bem: e Deus te dê força de vontade que espero que, por esse lado, hás de enriquecer muito a nossa tão desprezada literatura.

Um romance intitulado Paulo que vai publicar um poeta nosso conhecido, o Bruno Seabra, e cujo original te remeto a seu pedido, sugeriu-me essas idéias, e agradou-me porque satisfiz em muito grande parte a minha expectativa.

Não é um trabalho perfeito, isento de alguns defeitos em que podem cair ainda mesmo os mais amestrados quanto mais um moço que começa; é uma prova, porém, já muito lisonjeira de sua fecunda imaginação, do seu estilo natural e apropriado ao assunto, e, o que é mais, de sua não vulgar originalidade, que não sou o primeiro a reconhecer, pois que antes de mim uma das mais belas inteligências da literatura portuguesa o tinha feito.

Paulo é um conto que tu lerás como aquelas histórias fantásticas alemãs de Hoffmann ou de Bürger; o coração palpita com medo do desenlace e sente-se de cada palavra, de cada idéia resultar uma coisa sobrenatural que não pode acontecer, mas que no entretanto nos enche de terror como se ela tivesse lugar junto a nós; Paulo interessa pelo drama, pelas personagens e, ainda mais, por alguma coisa de brasileiro que se descobre nesse encanto do maravilhoso alemão.

Era em uma de nossas províncias. Havia ali um artista de coração de poeta, dedicado ao trabalho, moço ainda, e entusiasta pelo sentimento do belo. A miséria que batia à porta de sua casinha e que viria em pouco abraçá-lo e as suas pobres mãe e irmã, abriu-lhe cedo os olhos e ele seguiu com aproveitamento e gosto a profissão que fora a glória dos velhos anos de seu falecido pai.

Paulo foi pintor à custa de seu trabalho, e a sua vocação decidida acabou por fazê-lo um gênio. Muita gente estimava o artista, e muitos respeitavam aquela lealdade e franqueza de caráter e aquele desinteressado amor pela família, a qual ele sustentava com o suor abençoado de suas fadigas.

O comendador B... e sua filha eram os mais assíduos freqüentadores da casa. Aquele, médico, retirado da cena política onde ingrata lhe fora a fortuna, estimava deveras o pintor como um tipo não vulgar de probidade; e sua filha, camarada de Henriqueta (irmã de Paulo), despertou na alma do moço um sentimento e o fazia esquecer os quadros, suas alegrias pelas idéias que passavam de sua cabeça para a sua palheta - o amor.

Amaram-se um ao outro. A mãe do artista que o estimava de coração, com um sentimento rústico mas não menos natural e ardente, indagou e soube da causa daquela tristeza em que andava seu filho. Com a consciência do mérito e da honradez de Paulo, essa pobre e boa mulher fala com a sua linguagem franca e ingênua ao comendador e a proposta é aceita. A alegria encheu aqueles pobres corações e o orvalho da felicidade parecia ter descido sobre a choupana verde daqueles amores.

O desejo de aumentar a fortuna fez resolver Paulo seguir para o Rio de Janeiro. Contava achar recompensa ao seu talento e a seus esforços nestes falsos protetores das artes, deixou sua mãe, sua noiva, sua irmã e o comendador, e, desembarcando na corte do Império, viu-se redondamente enganado e abatidas todas as suas esperanças.

Desanimado, quase sem dinheiro e prestes a voltar à sua província, o pintor teve ocasião de travar amizade com um moço chamado Eugênio, pobre mas de boa alma, verdadeiro poeta, a quem o jogo da sociedade tinha feito descrente, e que não trocava as riquezas do mundo pela vida de seu cão *Sócrates*. Eugênio, por meio de um romance escrito a lápis, descreve ao artista sua vida cheia de peripécias curiosas e povoada de um encanto misterioso que desperta a atenção e a simpatia de quem o lê. É um tipo original, muito conhecedor do mundo e de suas mazelas, o menos crente nas falas da sociedade do que no olhar cheio de humildade de seu pobre cão. Paulo e Eugênio foram amigos, e por consequência o primeiro, que foi tão franco em cantar sua história ao poeta, também veio a ser sabedor da posição anormal deste último. Eugênio era poeta, e quis fazer fortuna com a poesia, mas escarneceram-no porque suas estrofes eram do coração, escritas aos sonhos formosos de uma alma de moço; pediram-lhe versos obscenos, e ele ganhou boas moedas pelos cantos prostituídos de sua harpa. Eugênio aconselhou, vendo o estado penoso de seu amigo, que também como ele atirasse ao lado suas belas imagens, visões mais puras e mais encantadas de suas noites, e que pintasse com o pincel cenas de libidinagem como ele o tinha feito com a pena. Ganhar dinheiro por esse modo era indigno dos sentimentos generosos de Paulo, e ele preferiu a miséria a tão hediondo e torpe sacrifício.

Entretanto, duas cartas, uma do comendador e outra de sua mãe, vieram trazer o desespero ao coração do artista. Emília (filha do comendador) ia se casar e seu pai rejeitava a proposta pela qual dera a sua palavra. O que se passou depois, a mágoa que arrastou o desgraçado pintor quase aos braços do suicídio, aquele delírio à meia-noite... e aquele tiro disparado sobre o retrato da amante como se a tivesse vestida diante de si com as sedas brancas do noivado, tudo isso, só se lendo, só se acompanhando uma a uma as idéias felizes do autor. Paulo seguiu viagem para sua província em companhia de Eugênio, a quem por fim, fazendo crer no amor, acabou por não fazê-lo desesperar da felicidade.

Chegando à sua terra, tornando a ver os lugares abençoados onde começou e onde adormeceu o seu amor, Paulo foi presa de um sentimento tão grande e tão profundo que não teve uma lágrima nos olhos, nem uma palavra à flor dos lábios para exprimir a mágoa e dor. Ele ficou mudo, e nos braços de seu amigo, de sua mãe e irmã foi levado para seu leito de morte.

Alguns dias depois recebia o pintor uma visita; era um homem de luto e magro como sucumbido pelos sofrimentos: era o comendador. A cena que teve lugar entre Paulo e o pai de sua amante é cheia de beleza, não só pelo inesperado do episódio, como principalmente pelo seu desfecho; dela resultou a morte de Paulo e a loucura do comendador.

O epílogo com que termina o romance é tocante e cheio de poesia. Eugênio casado com a irmã de Paulo, ao lar da família, tendo a seus pés o *Sócrates*, conta o romance deste seu fiel companheiro de destino, romance tanto mais curioso, quanto nele vem uma lição dada pelo bruto ao homem, pela máquina que se move pelo instinto ao rei da criação que se governa pela inteligência. O cão envenenado vem pedir ao suicida a vida que vai lhe ser arrancada e este salvando o cão aprende com ele a viver!

Agora, meu amigo, mais duas palavras; aí tens pouco mais menos o enredo de Paulo, deixo-o obscuro em alguns pontos porque desejo que o leias para devidamente sentires o que eu senti.

Naquelas personagens toma um lugar importantíssimo, senão o primeiro, esse moço Eugênio. Não é possível deixar de seguir com interesse as fases dessa vida tão original, tão maravilhosa e escrita, entretanto, em algumas notas tomadas a lápis: pode-se dizer, até certo ponto, que gênio é urna criação, que tomaria maior vulto se não aparecesse como ator secundário do drama.

Diversos pedaços deste romance impressionaram-me muito, falo-te com toda a franqueza; aquelas cenas do amor materno, meio agreste mas tão ardente e puro; aquele brio do artista em repelir o conselho de seu amigo, em não querer prostituir o seu pincel; aquele delírio de Paulo no dia mesmo do casamento de sua amante; a visita, depois, do comendador; tudo isso é traçado com grande talento, e num estilo não afetado, natural, poético pelas idéias e não pela forma.

São estas as impressões que senti com a leitura de Paulo; vai ele correr mundo e sujeitar-se ao imposto literário que há de variar segundo as opiniões supremas. Deus o abençoe que muitas vigílias custou ele e muita gratidão ao menos deve merecer dos amigos da literatura.

Adeus, lembra-te sempre

Do teu amigo de coração,

J.

Rio, 12 de fevereiro de 1861.

## **Capítulo I**

O comendador B... depois de ter feito um dos mais brilhantes vultos no partido político que vigorava em 18..., retirou-se da corte, onde permanecera desde o seu primeiro ano de estudo acadêmico, ao seio de sua província, da qual havia perto de 25 anos se tinha ausentado.

Filho único de um dos mais abastados proprietários, numa das mais importantes províncias do Norte do Brasil, Pernambuco, aos dez anos de idade, por falecimento de seu laborioso pai, e já órfão de mãe, herdava uma considerável fortuna.

Como então ainda fosse menor e seu pai, por ter morrido inesperadamente e não o houvesse feito, nomeou-se-lhe um tutor e em tão boa hora, que bem pudera dizer-se ressuscitava ao jovem órfão um outro pai em lugar do perdido.

O tutor, homem probo e órfão de família, não cuidava de seu pupilo como se cuida o mais das vezes de um órfão, e sim como um extremoso pai de um filho muito querido. Não poupou esmeros com a sua educação, e quando B... completava dezesseis anos, já habilitado para freqüentar as aulas de estudos superiores, pôs à sua escolha o curso a que se deveria dedicar. Tendo B... preferido a todos os outros o de medicina, nesse mesmo ano seguiu viagem para esta corte, a fim de no ano seguinte, matricular-se na academia.

B... matriculou-se com efeito no ano seguinte, e desde logo começou a fazer um bonito papel entre seus companheiros. Foi de melhor a melhor, e aos 22 para 23 anos saía pronto da academia, e já gozando a lisonjeira fama de bom médico.

Seu tutor faleceu pouco tempo depois de ter tido o prazer de ver completamente educado o filho que o tinham feito adotar, e depois de lhe fazer a entrega de todos os seus bens.

## **Capítulo II**

Três anos depois de formado, e quando já gozava de grande nomeada na carreira a que se dedicara, B... abandonou a medicina, seduzido pelos encantos ilusórios da política. Casado então com a filha de um dos mais influentes políticos daquele tempo, moço, rico e cheio de inteligência, foi-lhe fácil galgar os degraus do trono dessa deusa, que, como o Jano antigo, não tem duas caras, e sim, e pelo menos, meia dúzia.

Pouco tempo foi-lhe suficiente para tomar a posição de chefe de partido e como tal, já dissemos, fez um dos mais brilhantes vultos.

Mas a política é como certas mulheres que os libertinos conhecem - hipócrita, interesseira e ingrata.

Ai daquele que se iludiu com os ademanos e meiguices de quem oculta no seio da alma o cadinho onde se apura aquela trindade de danos! mais cedo ou mais tarde terá de arrepender-se, por menos que seja honrado e tenha sentimentos de brio, como o era e os tinha o dr. B...

Aos 40 anos, B... estava pobre, sobrecarregado de dívidas e de desafeiçoados; tinha vivido pouco, e ainda que lhe restassem outros 40 anos de vida, fora-lhe pouco o tempo para maldizer-se e aos encantos da política, que tão sem pejo enlameia a quem não soube seduzir!

B... tinha-se deixado iludir por amor da pátria e não por amor de si, e só tarde conheceu que fazia um papel ridículo na carreira que abraçara. Papel ridículo, porque ele era o único ator desse grande drama que intitulam - *tudo pela pátria* -, o único que representava a caráter. Despertou da modorra em que tinha caído, com a embriaguez daqueles sentimentos de verdadeiro patriotismo que o caracterizavam, ao estrondo das gargalhadas que excitavam os apodos que lhe eram dirigidos por seus próprios companheiros de cena, e que, ao contrário dele tinham entendido e - *tudo pela pátria* - é uma parábola que se interpreta - *tudo para mim*. Despertou e embalde tentou fazer-se ouvir, embalde mais de uma vez repetiu a palavra - infâmia!

Abandonou a cena.

Retirou-se para a sua província, pobre, carregado de dívidas e com uma comenda ao peito, prêmio com que a pátria generosamente agradeceu-lhe a adesão e afãs de 15 anos!

O comendador B... enviuvou dois anos depois de casado, e essa loura donzelinha que ainda agora conta 13 primaveras e que o acompanha, quando todos o abandonam, é Emília, primeiro e único fruto daqueles amores e que sua mãe deixou ainda no berço quando morreu.

### Capítulo III

O comendador B... apenas em conhecido de nome na sua província; não tinha parentes e nem estava em circunstâncias de ter amigos.

Desgostoso com a sociedade, foi isolar-se num dos menos freqüentados arrabaldes da capital, e ali vivia ocupando uma modesta casa térrea, ele, sua filha e um doméstico.

Granjeou a clínica do bairro, e dela tirava os meios para a sua subsistência. As muitas horas vagas que lhe ficavam do dia empregava na educação de sua filha, que ali não podia ter outro mentor nem outras horas de mais doces entretenimentos.

Emília, para seu pai, era naquela solidão como um livro mágico; suas palavras faziam-lhe esquecer todas as amargas reminiscências do passado.

À noitinha, sentados, pai e filha, à porta de sua habitação, Emília repetia a seu pai as lições que lhe tinha ouvido, desenvolvia todo o seu espírito, falando de Deus, da religião, da natureza, dos astros, de tudo, enfim, que é grande e sublime. Seu pai embebia-se todo naquele talento em flor, desabrochando aos seus desvelos.

Freqüentava a casa do comendador um moço com quem aquele travara conhecimento uma vez em que teve de tratá-lo de grave moléstia.

Paulo chamava-se ele, vivia na companhia de sua velha mãe e de uma galante irmã de 20 anos de idade! Quando deixava as aulas preparatórias, seu pai, que então habitava no centro da capital, resolveu fazê-lo matricular-se no primeiro ano de direito, na academia de Olinda, mas foi acometido de gravíssima enfermidade e obrigado a mudar de resolução.

O pai de Paulo, grande gênio na arte de Correggio, vivia dos trabalhos de sua profissão e era agora forçado a deixar os pincéis.

O velho pintor dispunha de poucos meios, e privado de trabalhar teve de diminuir as suas despesas, principiando pelo aluguel da casa.

Saiu do centro da capital e foi acabar os seus dias numa pequena casa, sita no bairro em que mais tarde veio habitar o comendador B...

Apesar de enfermo, o velho pintor lá uma vez ou outra tomava os pincéis, chamava o filho, punha-o a seu lado e iniciava-o pouco a ponto na sua arte.

- Aproveita - dizia-lhe -, aproveita, meu filho, estas lições; Deus não quis que eu com o meu trabalho te acabasse de educar; precisas, entretanto, de um meio de vida para o futuro que aí vem perto e tua mãe e irmã precisam de ti; aproveita, pois, estas lições que, no último caso, te servirão para alguma coisa.

E Paulo ouvia religiosamente o conselho de seu pai, e ia aprendendo cheio de fé e dedicação.

Alguns meses depois o velho tomava a seu filho:

- Ainda bem, ainda bem, meu Paulo que tu aproveitaste as lições que te dei, e que do ponto em que te deixo já não precisas de mestre. Morro resignado porque te vejo servindo de arrimo a estas duas criaturas; e indigitava sua mulher e filha.

Poucos dias depois o velho pintor morria.

## **Capítulo IV**

Paulo de fato aproveitara as lições que tinha recebido de seu velho pai, e agora mais do que nunca fazia da pintura uma profissão.

Já não era um artista por necessidade, era-o de gênio.

Um dia em que ele apresentava a sua mãe o retrato de sua irmã, aquela não pôde sustentar as lágrimas, que também o prazer as excita, e exclama entre soluços, enlevada com a perfeição do trabalho:

- É certo filho, o que muitas vezes te ouvi dizer teu pai, que Deus haja, quando tu lhe teimavas que não tinhas jeito para pintor: "Paulo" - dizia-te ele -, "o homem é o que quer ele próprio ser, e não o que quiserem os outros"; é certo e bem certo!

E a mãe afagava o filho, e o irmão entregava à irmã o retrato que lhe tinha tirado; a irmã lá se ia toda contente dando vivas a seu irmão, e a flor da alegria perfumava o lar dos pobres!

Prazeres domésticos, carícias de mãe para filhos, risos de irmãos para irmãos, ai daquele a quem não alimentais as crenças do coração!

Paulo trabalhava de dia com o seu pincel, de noite estudava seus livros, contente com a sua arte e feliz na obscuridade da sua pobreza.

Sua mãe e irmã também não se poupavam ao trabalho, ajudando-o com o fruto de algumas costuras. Uma e outra agradeciam a Deus o ter-lhe dado aquela um filho e a esta um irmão que de dia em dia mais merecedor se faria das bênçãos do céu.

Algum tempo depois de ali residir o comendador B..., Paulo caiu doente. A moléstia era grave exigiu a assistência de um médico e foi chamado o comendador.

Veio o médico e daí partiu o seu conhecimento com Paulo e sua família.

## **Capítulo V**

Paulo não era simplesmente um pintor, era um moço cheio de inteligência e que seria tão grande na carreira a que seu falecido pai primeiramente o destinara, como na que tinha abraçado - se no Brasil fosse real essa proteção que se diz prodigalizar às artes.

Dotado de uma inteligência que, malgrado seu, sobressaía modéstia do gênio, aos 20 anos artista, se não perfeito ao menos o melhor que podia sê-lo naquela idade e à custa de seus próprios esforços, todo ele dedicado à sua família, Paulo mereceu a estima e amizade do comendador.

Restabelecido, o comendador visitava-o muitas vezes; Emília já era muito amiga de Henriqueta (era este o nome da irmã de Paulo); aquela já gostava de ver, sem ser por curiosidade, todos os trabalhos do jovem pintor, e este já não era o mesmo Paulo que dantes cantarolava tão contente enquanto ia compondo as suas tintas, ou delineando suas paisagens.

De dia para dia foi parecendo menos alegre do que dantes, e só a custo já se lhe via um sorriso.

## Capítulo VI

Uma tarde, sua mãe e irmã, a um tempo, fizeram-lhe notar que tinham percebido não andar ele tão contente como dantes.

- É verdade - respondeu-lhes Paulo -, não ando contente com a minha vida.

- E de onde vem, filho, esse descontentamento? - perguntou-lhe enternecida sua velha mãe.

Paulo não respondeu.

- Não escondas - disse por sua vez Henriqueta, tomando-lhe as mãos com amizade. - Não escondas, meu irmão: o que é que te descontenta? Anda dize por que andas triste.

- Porque - murmurou ele -, porque... não sei...

- Paulo! - exclamou sua mãe.

- Olha - tornou-lhe Henriqueta, com os olhos umedecidos - mamãe chora, eu também choro, e és tu quem nos deixas chorar.

Paulo fez um movimento e tomou a mão de sua mãe, falando assim:

- Minha mãe, minha irmã, querem saber o que eu tenho? Pois bem, vou-lhes dizer tudo. Mas... dêem-me um instante.

Foi a seu quarto e voltou, trazendo um pequeno quadro coberto com um lenço.

- Minha mãe e minha irmã - tornou-lhes sem descobrir o quadro -, perguntam-me por que estou descontente da vida, por quê? Perguntam às andorinhas por que voam tão contentes pelos ares; perguntem aos outros passarinhos por que soltam seus cantos, saltando de ramo em ramo, de mangueira em mangueira tão contentes com a vida; perguntem às borboletas por que aí vão pelos campos todas contentes de si; perguntem às flores por que sorriem contentes às borboletas; perguntem aos sertanejos por que, contentes da sua vida, vão cantando as suas modas, enquanto as ovelhas, também contentes da vida, vão balando pelos montes; perguntem a todos por que vivem contentes - e saberão por que me descontenta a vida.

- E por quê? balbuciou Henriqueta.

- Dize por que, filho. - instou sua mãe. - Não me demores esta dor no coração.

- É porque - continuou Paulo - às andorinhas, às borboletas, às flores, aos sertanejos, às suas ovelhas, ninguém, ninguém impõe leis a esse sentimento que Deus uniu à vida de todos eles e bem à de todos os mais seres - o amor!

- Amor! - exclamou Henriqueta.

- E quem há de se intrometer com o teu amor? - tornou sua mãe.

- A sociedade, minha mãe, sim, ela que por ser eu um artista descendente de outro artista, se julga com direito de obrigar-me a constranger esse sentimento quando me o inspire alguém que porventura tira dela a sua linhagem.

- Ora, filho - tornou sua mãe -, eu não sei lá disso de linhagens nem de sociedades e nem se me dá saber dessas coisas; o que quero saber é a quem amas, rapaz, para ir perguntar já e já aos seus pais, ou a quem competir, em que é que eles são melhores do que tu, se te fizeram figas ao amor, ainda e seja o sobrinho do sol, dize filho, quem é? Deixa-me ver esse quadro, é o seu retrato?

- Sim - respondeu Paulo descobrindo o quadro.

- A filha do doutor! - exclamaram mãe e filha a um tempo.

- E como está parecido, mamãe! - continuou Henriqueta tomando o quadro das mãos de seu irmão e mirando com curiosidade.

- E a menina Emília também te ama? - perguntou a extremosa mãe.

- Ama - respondeu Paulo em meia voz.

- E por que estás descontente? - replicou-lhe a irmã.

- Eu sei, minha irmã! Talvez o doutor...

- Qual doutor! - atalhou a boa mãe; eu não é porque me aflija com o ver-te solteiro, rapaz, mas não quero que vivas triste por esse motivo; assim como assim, hás de casar sempre, seja mais tarde ou mais cedo, o que quero é ver-te contente da vida. Deixa o mais por minha conta. Até amanhã.

- Minha mãe - balbuciou Paulo -, o que vais fazer?

- É que esta trapalhada - tomou-lhe - amanhã há de ficar direita. Queria ouvir o doutor dizer-me alguma coisa que não me quadrasse ao coração! Havia de bater-lhe os pés e perguntar-lhe, que todo o mundo ouvisse, em que sua filha era melhor do que meu filho. Dá-me esse quadro, Henriqueta, preciso dele até amanhã.

Dizendo e tomando o quadro das mãos de Henriqueta, a boa mãe foi guardá-lo.

Paulo, silencioso, seguia com os olhos todos os movimentos de sua mãe, e Henriqueta contemplava-o com um amoroso e risonho olhar.

- Ai, minha irmã - murmurou ele aproximando-se dela e afagando-lhe as mãos - como eu seria mais feliz

- E eu como hei de gostar de vê-los ditosos - respondeu a afetuosa irmã afagando por sua vez as mãos de seu irmão.

## Capítulo VII

Paulo amava a filha do comendador como um artista é capaz de amar. Tinha-lhe tirado o retrato nesse momento de inspiração febril que se segue ao primeiro abalo do amor, ao delírio dessa emoção por que passa o homem que ouviu, depois de longas noites de anseios, de esperanças e dúvidas, essa declaração trêmula, deixando vagarosamente os lábios da mulher, que enrubescendo diz: - eu... tam... bém... amo... -te -, quando o poeta, enfim, vê com os olhos da alma dentro do seu crânio de fogo a imagem da mulher que o incendiou.

À noite recolheu-se a seu quarto, abriu um livro, leu e releu e não ligou uma só idéia da página relida; afinal caiu nesse ressonar, de que a cada instante desperta quem faz por adormecer, não para dormir, e só para ver se o dia amanhece mais cedo.

Lá pela madrugada o espírito, mais calmo, cedeu ao cansaço do corpo, e Paulo caiu num sono tranqüilo e profundo.

Às oito horas da manhã, Paulo ainda dormia profundamente, e já sua mãe voltava da casa do comendador.

A boa mulher deixou que seu filho continuasse a dormir, e foi contar à filha como se houve na missão de que se encarregara.

## Capítulo VIII

- Rapariga - principiou ela sentando-se junto à Henriqueta -, não há nada como ser mãe; se algum dia tiveres essa dita, verás o que é querer bem a um filho. E que doce prazer tem a gente quando vê seus filhos alegres como os passarinhos!

- Jesus! parece que o coração desfaz-se todo em risos! a mãe anda tão cheia de si, que nem se lembra mais dos seus flatos.

- Mas tu ainda não podes avaliar estes prazeres; deixa dizer-te que tal me houve com o doutor. Saí daqui e fui dizendo comigo: se o doutor puser algum senão no meu filho, vou-lhe logo dizendo daquelas que ele nunca jamais ouviu. Era o que me faltava a mim, ver um rapaz tão cheio de prendas e qualidades como o teu irmão, e sem merecimentos para casar-se com a filha de um doutor! Que merecimentos tinha eu para casar-me com teu pai? Não era eu uma rústica roceira, e ele um pintor de nome, na cidade?

Pondo os pés dentro da casa do homem mal lhe dei os bons dias fui começando: - senhor doutor, traz-me tão cedinho a sua casa uma lengalenga muito embrulhada. Sua mercê tem um coração de pai e eu cá tenho um coração de mãe, e ainda que sua mercê tenha muito amor a sua filha, esse amor não faz a metade do amor que eu tenho a meu filho. Andava-me o pobre rapaz de uns dias para cá todo triste e amuado; já não conversava nem ria como dantes. Aquilo tocou-me o coração, e mais e depressa cuidei em bisbilhotar o que me entristecia o filho. O senhor doutor não adivinha o que seria? O doutor respondeu-me que não. Eu disse-lhe que também não tinha adivinhado, e fui para diante com a ladainha. Pois o rapaz, depois de eu e sua irmã pedir e mais pedir, abriu a boca, dizendo que e andava triste da vida, porque os passarinhos andavam contentes da sua, como também as ovelhas e mais viventes, e isto significava que ele em ser criatura não podia amar a quem bem quisesse, enquanto os passarinhos amavam como lhes era da vontade. Sabidas as contas, o rapaz apresentou este quadro, dizendo ser o retrato da pessoa e ele amava, cuja conheci logo e que o senhor doutor também conhece. Descobri o retrato e mostrei-lho.

- Minha filha - disse ele, deitando os olhos no retrato.

- Sim, a menina Emília, e o que tem isso? - perguntei-lhe.

Ele se pôs a pensar. Eu estava vendo que se ele me dissesse algum dito contra o rapaz, atirava-lhe com o quadro à cara e vinha-me para casa dar de conselho a teu irmão que se deixasse de querer casar com a filha de um malcriado.

Mas o doutor, que não é nenhum malcriado, pensou um bocadinho e abriu a boca pedindo-me que deixasse ficar o retrato; que mandasse o teu irmão se entender com ele; que teu irmão é um rapaz de muitas prendas, muito bem comportado, e muito merecedor de ser amado pela menina Emília.

Ao chegar neste ponto, Henriqueta levantou-se e sem prestar mais atenção à sua mãe, foi bater no quarto do irmão.

- Rapariga noveleira - gritou-lhe a mãe -, não me acordes o rapaz.

Henriqueta continuou a bater, até que a voz de Paulo veio dizer-lhe que seu irmão já estava de pé.

## Capítulo IX

Paulo saiu do quarto algum tanto abatido.

O artista tinha passa uma dessas noites de atribulações, em que os anelos do espírito se antepõem mil dúvidas e esperanças, mil crenças e impossíveis, em que o coração, ora fatigado, como que baqueia no fundo de um abismo de dificuldades; ora cheio de forças, parece elevar-se acima de todos os impossíveis nas asas da esperança.

Seus olhos encovados, os cabelos em desalinho, e aquele vislumbre de incerteza que sobressaía a palidez da seu semblante, davam-lhe um aspecto de entristecer o coração.

Sua mãe, mal o foi encarando, exclamou sobressaltada e correndo para ele:

- Ai, pobre filho, como estás, que pareces cera! Anda, anda tu, rapariga - continuou, dirigindo-se a Henriqueta -, dize a este rapaz o que eu acabei de contar, enquanto eu vou preparar o almoço antes que lhe dê algum vágado.

Henriqueta contou a seu irmão o que lhe expusera sua mãe.

Paulo, à proporção que sua irmã relatava o que se tinha passado entre sua mãe e o comendador, ia recobrando o ânimo e com ele as cores de suas faces e o brilho de seus olhos. Já seus lábios sorriam, e com as mãos alisava os cabelos desalinados; enfim, como as árvores cujas folhas caíram miradas pelo sol do verão, e que agora brotam novas folhas ao despertar a primavera, Paulo remoçava o alento do coração, enfraquecido nos debates das dúvidas daquela longa noite, ouvindo a narração de sua irmã.

Henriqueta concluiu bendizendo os amores de seu irmão, e apressando-o que fosse quanto antes à casa do comendador.

Paulo apertou cordialmente as mãos de sua irmã, e transportado da mais doce sensação fitou-lhe os grandes olhos, exclamando com meia voz:

- Como tu és boa, minha irmã! e eu como sou feliz!

- E eu, e eu - perguntou a boa mãe aparecendo naquele momento - o que sou?

Paulo correu aos braços de sua mãe, exclamando:

- Minha mãe! Minha mãe é o que só um beijo do coração pode dizer! - e beijou-lhe a fronte.

- Está bom - tornou a extremosa velha enxugando com o punho os olhos que umedeciam duas dessas lágrimas que são para a alma como o orvalho é para as flores -, está bom - tornou ela - vamos almoçar o nosso bocadinho.

E lá se foram os três, contentes com a fortuna, sentar-se à mesa da pobreza.

## **Capítulo X**

Feita a refeição, Paulo foi ter com o comendador.

O pai de Emília não alterou a sua afabilidade para com o jovem pintor, que parecia bastante perturbado.

Era o abalo dessa fibra de pejo, que se move no coração do mancebo, a presença do ancião a quem vai falar do amor que lhe inspirou sua filha.

O comendador fez sentar ao pé de si o jovem amante, principiando com jovialidade:

- Não desanime, sr. Paulo, que dessa doença não há de morrer. Sua mãe expôs-me tudo e eu não desestimei saber que um moço dedicado ao trabalho, cheio de aspirações dignas da inteligência que a força de vontade tem cultivado, na falta de outros meios, numa palavra, um moço dotado de tanto senso como o sr. Paulo, não desestimei saber que amava a minha filha. Antes, porém de assentarmos num compromisso, julgo conveniente dizer-lhe algumas palavras a meu respeito e também dela.

Até aqui o sr. Paulo merecia-me toda a consideração, mas, desde este instante em que começo por considerá-lo um filho próprio, faz-me credor de toda a minha intimidade, e portanto vou falar-lhe com toda a franqueza de pai para filho.

E o comendador começou a expor familiarmente todos os principais pontos da sua vida rematando neste teor:

- Com a política desperdicei toda a minha fortuna, e juntamente a herança que coube por morte de sua mãe à minha filha. Na corte deixei credores, a quem nunca mais poderei pagar o que devo, sendo um deles o avô de Emília, que, mesquinho como é, e ainda mais meu inimigo

capital, por sua morte incluirá, naturalmente, na herança de sua neta a minha dívida. Não tem, pois, Emília, outro dote que não seja alguma inteligência...

- Perdão - interrompeu Paulo -; d. Emília tem um dote que eu não trocava por todas as moedas do mundo: o coração; e eu sou moço e saberei trabalhar.

- Já o sabe - tornou o comendador -, e eu prezo ouvi-lo falar assim. Agora - prosseguiu levantando-se - deixe-me ir chamar a minha filha, creio que a surpresa ser-lhe-á agradável.

Não foi preciso. Emília apareceu, alheia ao que se tratava, e sem cuidar naquele momento ir encontrar-se com Paulo.

A desprevenida donzela enrubesceu dando com os olhos em seu amante, que, ao contrário dela, empalideceu.

- Ainda bem que vieste - disse-lhe o comendador sentando-se outra vez -, levantava-me para ir chamar-te.

Emília e Paulo trocaram entre si uma acanhada cortesia.

- Então o que há de novo? - perguntou ela quase sobressaltada sentando-se junto a seu pai.

- Não adivinhas ? - tornou-lhe o comendador,

- Não - balbuciou ela.

- Pois eu te explico: o sr. Paulo veio participar-nos que... vê se podes adivinhar o resto?

- Não... sei... - respondeu Emília dividindo as palavras.

- Veio participar-nos que vai casar-se...

- Ah! - exclamou a donzela involuntariamente e empalidecendo - vai casar-se?!

E curvou a fronte, tentando furtar aos olhos de seu pai o segredo que, malgrado seu, seus olhos revelavam.

- O sr. Paulo - continuou o comendador dissimulando nada ter percebido - ainda foi mais delicado, pois que vindo participar-nos o seu propósito, trouxe-nos o retrato de sua futura noiva...

Emília estremeceu

O comendador levantou-se, foi à sua secretária e voltou trazendo um quadro. Era o mesmo que não havia muito, lá tinha deixado ficar a mãe de Paulo.

- Eis o retrato da noiva do sr. Paulo - continuou ele apresentando o quadro à sua filha.

- Meu pai - exclamou ela vendo-se retratada, e deixou cair levemente sobre o ombro de seu pai a sua mimosa fronte.

- Correu-se o véu do segredo, minha filha; o artista, que tão bem soube roubar-te as feições, em paga do coração que lhe roubaste, espera a sua sentença; estende-lhe a mão e sentenciamos.

As mãos dos amantes estenderam-se, o comendador as uniu; apertaram-se reciprocamente, pronunciando ambos e a um tempo o nome daquele sentimento que lhes afagava os corações - amor.

## Capítulo XI

Emília completava 15 anos.

Paulo tinha 20 anos completos.

Amaram-se reciprocamente desde a primeira vez que se viram.

Paulo amou aqueles olhos azuis, as tranças douradas daqueles cabelos louros, a tez daquelas faces brancas como as angélicas, a candidez daquele semblante, que tão bem revelava toda a inocência do coração; aqueles lábios que roubavam o carmim das asas das colheiras; aquelas palavras singelas, a simplicidade do traje daquele corpo gentil e flexível nos seus movimentos, como a delgada palmeira que cresce à margem dos nossos rios, e que, à tardinha, sacudida pela viração das matas, parece nos seus meneios ansiar por ir deitar-se ao lado de sua sombra, que se reclina à superfície das águas. Amou aquele espírito de 15 anos, que era como âmbula de perfumes das açucenas de amor.

Emília amou a luz daqueles olhos pretos e inteligentes, e a modéstia daquela larga fronte; os extremos do filho a seu ar e a dedicação do homem ao labor; a resignação do gênio na sua obscuridade e a poesia daquele coração de órfão, tão esquecido dos homens, e de dia em dia mais cheio de crenças.

Viram-se, estremeceram ambos e baixaram os olhos.

Tinha-se-lhes abalado a fibra do primeiro amor.

Daí, até aquela hora, nunca se trocaram uma palavra, uma só por que um e outro se revelasse. Quando a ocasião os deixava juntos e sós, esses instantes pareciam-lhes curtos para pronunciarem essa palavra que lhes nadava à flor dos lábios!

Olhavam-se, compreendiam-se e o amor florescia.

## Capítulo XII

Paulo, ambicionando uma melhor posição para o futuro, resolveu-se a vir apresentar nesta corte, aos entendedores da sua arte, alguns trabalhos que possuía e tinha em conta de bons.

- Os mestres me farão justiça - pensava ele construindo in mente os seus castelos -, meu nome chegará aos ouvidos dos protetores das artes e eles me encaminharão. Eu terei diante dos olhos a estrada de um futuro risonho; oh! como eu caminharei ovante e como a minha pátria terá depois orgulho em pronunciar o meu nome!

Inexperiente artista! como ele dava importância ao orgulho da sua pátria, que só se orgulha em pronunciar os nomes dos seus devotados charlatões!

Inexperiente! tu é que te deveras encher de orgulho, porque a pátria não te sabia o nome!

- Chego à corte - continuava ele -, estou ali seis meses, pelo máximo, recebo a chave do futuro e torno a estes lares queridos, ao seio de minha mãe, às carícias de minha irmã e aos eternos desvelos de Emília e depois?... Toca a trabalhar, toca a ser mais feliz do que já o sou agora, e para sê-lo ainda mais.

O laborioso mancebo tinha feito algumas economias dos lucros dos seus trabalhos. Na sua gaveta havia seguramente perto de um conto de réis.

Contava com a metade daquela quantia, podia à vontade levar avante todas as proezas que imaginava, digo proezas porque o inexperto metia no meio das suas reflexões o nome da sua querida pátria!

Paulo revelou à sua noiva todos os seus desígnios. Não foi sem grande abalo que Emília recebeu semelhante notícia, e embalde tentou dissuadi-lo do propósito apresentando-lhe as mais tocantes objeções de amor.

Na presença, porém, de seu pai, a quem Paulo comunicava a resolução que tinha tomado, e concordando ele, depois de razoáveis reflexões, Emília pareceu também concorde concedendo às reflexões de ambos.

Naquela ocasião Paulo marcou o prazo de dez meses para levar a efeito o seu compromisso, decidindo-se a seguir viagem para esta corte na primeira ocasião, o que se dava daí a doze dias, mais ou menos.

O carinhoso filho não sabia como fizesse chegar aos ouvidos de sua desvelada mãe aquelas intenções. Foi-lhe preciso muito esforço e ainda a presença do comendador.

A boa mãe comoveu-se em extremo, indignando-se até contra as aspirações do filho.

- Queres - soluçava ela - queres ser mais feliz do que te faz o seio de tua mãe? Tens razão, parte, filho, vai ser feliz!

E o filho não tinha uma palavra com que respondesse a amarga ironia que lhe dirigia a consternada mãe.

Aquelas palavras doeram-lhe no íntimo da alma, doeram-lhe, que ele bem compreendeu o doloroso de suas expressões.

- Aqui está - continuou ela dirigindo-se ao comendador -, aqui está para que Deus dá à criatura um filho! Para ter em um mau dia de separar-se da pobre mãe, que não o pode acompanhar por essas estradas do mundo! E se a pobre criança cai doente? E a infeliz mãe que não lhe pode ouvir os gemidos? Ai, pobre filho sem mãe que não terás quem te dê um caldinho, quem te mude o lençol da cama, quem te acompanhe nos teus sofrimentos! Deus me perdoe, senhor doutor, a mim que nesta hora não sei o que me vem à boca de dentro deste aflito coração, ele me perdoe, pecadora, que muito pouco tenho sofrido, mal comparada com o que padeceu o seu bendito filho; mas era melhor que ele não desse filhos à mulher, ou que os desse com a única condição de eles nunca se separarem dela!

E chorava como se me tivesse morrido o filho.

O comendador dirigiu-lhe algumas palavras consoladoras. Paulo também soluçava, e Emília e Henriqueta contemplavam comovidas aquela cena de aflições com os olhos umedecidos.

A boa mãe, porque ouvia que o filho soluçava também foi pouco a pouco reprimindo as dores, até que resignada concordou que ele partisse.

### **Capítulo XIII**

Paulo preparou-se para a viagem, sendo o seu primeiro cuidado depositar nas mãos do comendador a metade do dinheiro que economizara, para que ele em caso do precisão socorresse sua mãe.

Alguns dias se passaram.

Já era preciso partir. Paulo estava pronto, e no outro dia pela manhã o vapor levantava âncora.

Aí, adeuses de mãe, de irmãos e noivos!

Lágrimas e soluços de quem vai pela primeira vez ver ao longe sumirem-se aqueles lares que tantos afagos têm.

Agora tu, tu, mágico doer do coração, saudade!

Virgem pálida, de olhos elanguescidos, que reclinas as faces sobre a mão tão alva como as penas da garças, e te deixas, à tardinha, ir adormecendo à janela, enquanto os zéfiros vão sorvendo o perfume das tranças de teus cabelos: virgem pálida, que doer é esse que te alenta o coração?

Saudade!

Ancião, que paras à beira do caminho, e arrimando-te ao bastão levantas os olhos ao velho cedro que te fica em frente, e como que o saudando murmuras - bem me lembro! bem me lembro! que mágico doer é esse e te traspassa até o fundo do coração?

Saudade!

Marinheiro, que ao suspender do ferro, vais soltando esses pesados gemidos, que são como os estribilhos de cantigas tristes as desoras da noite ouvidos; marinheiro, que ao rigor das tempestades e calmarias embruteceste a voz como o semblante, que tristeza é essa que te alinda a fronte? Que voz é essa de entristecer os corações?

Saudade!

Saudade, página de reminiscências íntimas, que a seu tempo se inscreve no coração humano, fadou-te Deus esse mágico doer...

Saudade e só saudade era o que restava e o do que se ia alentar o coração do jovem artista.

## **Capítulo XIV**

Paulo ocupava nesta corte um pequeno sótão. Já tinha dado todos os passos possíveis a ver se conseguia dos proclamados protetores das artes a chave de futuro porque o insensato moço nos seus instantes de sensações se deixou seduzir, a ponto de aventurar-se a sair daqueles lares que tão ditoso o faziam. Tinha dado todos os passos sem ter conseguido coisa alguma.

Os mestres da arte a quem o inexperiente apresentava as suas telas aconselhavam-no a deixar os pincéis porque, concluíam eles, os seus grandes defeitos estavam a clamar que o desventurado era antes um maníaco pela arte do que um artista.

- Ora, veja - dizia-lhe um a quem o malfadado apresentava o seu mais perfeito trabalho -; veja quanta falta de tino artístico vai por aqui!

E, além de outros muitos, notava-lhe o defeito de ter arregalado os olhos uma jibóia, que se retorcia às mãos de um índio que lhe apertava o pescoço!

Um outro notava ainda na mesma cobra um novo defeito - o ter ela deitado a língua fora da boca em ocasião tão crítica!

E novas faltas de tino artístico iam aparecendo, à proporção do número dos mestres!

Os senhores proclamados protetores das artes, esses então a primeira pergunta que dirigiam ao infeliz, quando lhes ia bater às portas e que, depois de ter estado como de quarentena por uma longa hora na sala de espera, tinha a honra de ser introduzido no gabinete de suas excelências, a primeira pergunta que lhe dirigiam era se o malfadado lhes levava alguma carta.

O ingênuo artista possuía bastante lhaneza para responder-lhes que só contava com a generosa bondade de suas excelências para o fim que levava às suas presenças, mas suas excelências também possuíam bastante falta de vergonha e incivilidade para responder-lhe que tinham muito que fazer naquela ocasião!

E sem mais preâmbulos despediam-no com uma cortesia de esquelha, se dão licença à frase!

O desvalido, completamente desenganado por todos os lados, descoroçoou.

Havia perto de seis meses que estava na corte, não convinha demorar-se mais.

Era preciso apressar-se em tornar àquela obscuridade para que nascera, ao seio amigo e sincero de sua família, que o esperava ansiosa. Mas Paulo, apesar da sua economia em regrar a mesquinha quantia com que se animara a vir ao Rio de Janeiro, achava-se baldo de recursos. Algum dinheiro que lhe restava mal chegaria para satisfazer as primeiras precisões de duas semanas.

Revelou as circunstâncias a um galhofeiro moço, que morava em outro sótão tão fronteiro ao seu, e de quem lá era bastante amigo.

Eugênio, chamava-se o amigo de Paulo, representava ter 25 a 28 anos de idade.

O seu mundo, dizia ele, era a sua consciência, o seu conselheiro a circunstância, o seu rei Paulo de Kock, e a sua pátria a cabeça de *Sócrates*, um cão por que se desvelava extremosamente.

- Quê! - exclamou Eugênio ao concluir Paulo a sua narração - deixas-te ficar sem dinheiro possuindo tu tintas e pincéis que tão bem manejas?

- Que queres tu? - respondeu-lhe Paulo. - Não acabei de dizer-te quanto me ofereceram pelo meu melhor quadro? Hei de vendê-lo por semelhante preço, que nem ao menos chega para a desforra das tintas? Não, nunca. Antes pedir esmolas, antes dar mais um novo desgosto à minha velha mãe escrevendo-lhe circunstanciadamente a respeito da minha situação.

- É justo - atalhou Eugênio - que por semelhante preço não o dês, nem eu te aconselharia nunca que o fizesses. Ora atende-me. Tu já me tens falado de ti, da tua vida tão cheia de privações, do teu amor quase sacrificado pelas encantadoras esperanças que te riem ao coração quando olhas para o futuro; entretanto, eu ainda não tive ocasião para dizer-te alguma coisa a meu respeito. Pois bem, já que não te posso oferecer neste momento as minhas algibeiras, porque tu precisas de dinheiro e elas estão vazias, ao menos dar-te-ei um ótimo conselho com que, se o tomares, poderás em poucos dias adquirir bem boas patacas. É preciso, porém, que tenhas a paciência de escutar por tua vez alguns pormenores da minha vida.

E, para tornar-te essa maçada mais divertida, não omitindo os *ff* e *rr* de romance, que dão chiste às minhas desventuras, ler-te-ei alguns capítulos da minha história. Estás disposto a ouvi-los ?

- Com muito prazer - respondeu Paulo.

Eugênio tirou um livro em manuscrito da sua pequena estante de pinho, sentou-se junto a Paulo e leu:

## ROMANCE A LÁPIS

ou

Apontamentos dos transes mais apertados da minha vida e da do meu fiel *Sócrates*; e de outras muitas coisas, o que tudo fiz, por sua muito descomunal novidade, em minhas horas de lazer, para desagravo da nossa igual desventura.

Não te previnas - disse Eugênio suspendendo a leitura -, que não sou nenhum quinhentista; adotei a linguagem à d. Quixote, no argumento dos capítulos, para não ter o trabalho de perder tempo mendigando para eles, aí pelas estantes, epígrafes facetas.

E continuou:

De como o autor e personagem deste livro chegando aos seus 20 anos se achou com o seu fiel Sócrates em uma posição muito crítica; da maneira por que se tirou dela em favor de Sócrates, vendendo a estimada princesa de seu tio. Do modo por que se desfez de um cavalo que a fortuna lhe mandou, e do grande prazer que isso lhe deu à alma e também ao estômago de Sócrates.

Aos 20 anos de idade era eu órfão de pai e mãe.

Não tinha irmãos, nem parentes mais próximos que um velho tio materno. Major reformado do Exército, meu tio não tinha outro haver que o mesquinho ordenado que lhe dava a sua reforma. Eu vivia em sua companhia e às suas expensas desde o tempo em que minha mãe enviuvou. Tinha-se ela casado com meu pai por amor; ambos eram pobríssimos, e meu pai juntava à pobreza uma inextinguível dose de extravagância que bem pouco se harmonizava com a sua vida de empregado público.

Morreu ainda moço, deixando-me na idade de dez anos, e por consequência incapaz de trabalhar para ajudar minha mãe a satisfazer um enxame de credores que nos ficou como herança.

Por esse acontecimento, que nos deixou mesmo ao deus dará, meu fio chamou-nos para a sua companhia, falecendo minha mãe oito anos depois.

Tornando aos meus 20 anos. Tinha-os eu, e freqüentava o primeiro ano de medicina, quando a morte veio privar-me do único arrimo que me restava.

O velho major faleceu nesse mesmo ano!

Eis-me um Pedro-Sem em miniatura, ou um Job dos tempos modernos! Meu tio não deixara nada, completamente nada! Daí em diante comecei a provar todas as taças da necessidade, cada qual mais amarga.

Não fui mais à academia.

Quando procurei meus livros, já os tinha vendido.

Até uma espada velha, o mais predileto traste de meu tio que ele não trocava pelo maior posto do Exército, a sua princesa, como ele chamava naqueles momentos de entusiasmo de que o velho soldado se possuía ao recordar-se do dia em que teve de desembainhá-la para com ela em punho saudar o sol da liberdade, que, à voz do seu querido d. Pedro I, fazia despontar no céu de Ipiranga; ela que coisas tão bonitas lembrava; ela, espada por todos os títulos livre, pois até ela vendi e a um tão digno senhor como é um sr. belchior!

Eu precisava de um pão para mim, que forçado a ouvir os impropérios e ameaças de meu senhorio, não tinha tempo de responder às queixas que me fazia o estômago, de uma fome de três dias que se hospedava com ele, mas para o meu cão *Sócrates*, que comigo irreligiosamente jejuava três dias seguidos, irreligiosamente digo porque o jejum, segundo a cartilha, deve ser voluntário e nós nenhuma vontade tínhamos de jejuar. Estava eu a refletir no passo que devia dar para arranjar-me o mais depressa possível, quando dei com os olhos do irracional, que, no canto da casa, cheio de resignação, parecia ir-se definhando caladamente, dizendo-me silencioso o seu último adeus, com aqueles olhos lânguidos e lacrimosos! Como que acordei sobressaltado do meu sono de reflexão; doeram-me dolorosamente as fibras todas!

Chamei o cão, animei-o e cheguei mesmo a gritar-lhe nos ouvidos que também me definhava de fome.

Vesti-me, e não encontrando coisa que mais valesse, tomei a espada e saí com o cão. Fui vendê-la a um belchior. O homem, depois de muito regatear, resolveu-se a ficar com ela por quatro vinténs; aceitei-os e com eles comprei um pão, que dei a *Sócrates* para entreter a fome.

Alguns dias antes de falecer meu velho tio, apareceu lá pela academia um colega meu rifando um cavalo, com que de Minas o mimoseara seu pai; obrigou-me a ficar com um bilhete, e com tão boa vontade que foi ele o premiado.

Concordei com o dono de uma cocheira em tratar ele do animal como coisa sua, permitindo apenas servir-me dele uma ou outra vez.

Era um excelente alazão e o dono da cocheira fez um excelente contrato.

Mais satisfeito com o ver *Sócrates* menos descontente da vida, que tão carrancuda via nas agonias da fome, fui propor ao dono da cocheira a venda do meu cavalo. Foi essa a minha primeira lembrança logo que tive falta de dinheiro, mas infelizmente o diabo do homem lembrara-se também de ir passear com o alazão não sei por onde, e deixou que primeiramente as minhas privações chegassem ao extremo em que estavam, para voltar do seu passeio.

Nesse dia, graças à fortuna, já estavam eles em casa.

Propus-lhe a venda.

O homem, mal acabou de ouvir a proposta, folheou um almanaque de defeitos contra o cavalo, rematando por declarar-me que nascera entre cavalos, que com ele tratara até aquela hora, e que, enfim, tomasse-lhe o diabo conta da alma, se não era o meu cavalo o mais ordinário alazão que ele tinha conhecido.

Disse-lhe que desse pelo animal o que fosse mais razoável.

Tomou duas notas de 30 mil-réis e ofereceu-mas.

Era a primeira vez na minha vida que eu podia dispor de tanto dinheiro.

Fui a um hotel, mas qual vontade de comer?

O prazer acalentava a fome. Outro tanto não se deu com *Sócrates* que enquanto eu contra a vontade comia a sopa, regalava-se ele devorando o segundo prato que lhe mandei dar.

Ocupava eu então um pequeno quarto, cujo primeiro mês de aluguel lá estava vencido e ainda não estava pago o que me obrigava a ouvir silenciosamente todos os impropérios do senhorio; paguei-o nesse mesmo dia e bem assim o segundo mês que estava quase no meado.

II

Grande susto do autor e juntamente de *Sócrates* com o aparecimento de seu tio; vergonha porque passou ao tomar-lhe este contas da sua espada, e da ordem que lhe passa do outro mundo. Saí o autor a resgatar a princesa. De como uma espada aumenta de valor de um dia para outro. Parte a cumprir o mando do seu tio.

Com o espírito mais tranqüilizado por ver-me livre por alguns dias de tal senhorio, com um pouco de dinheiro nos bolsos e o meu cão mais contente com o seu estômago, passei o resto do dia satisfeito como um frade.

À noite deitei-me cedo; alquebrantado por aquelas privações de três dias, dormi com a maior facilidade.

Creio que dormi profundamente duas horas seguidas.

Daí comecei a sonhar.

Sonhei que eu tinha acordado e que via diante de mim o vulto de um homem que não me atrevia a encarar. Vi o vulto aproximar-se da minha cabeceira sem fazer o menor ruído, porque seus pés não tocavam no soalho. Tive medo, quis reprimir a respiração para que o vulto não soubesse que estava acordado e apertando as pálpebras tornei a adormecer.

Sonhei que sonhava, e que o vulto, que estava à minha cabeceira, era meu tio, que esperava que eu acordasse para perguntar-me pela sua espada e que, como eu não acordasse, despertou-me ele chamando-me baixinho:

- Eugênio?

- Meu tio - respondi-lhe.

- Onde puseste a minha espada?

Que ao perguntar-me lembrei-me de que a tinha vendido, e tive vergonha de aclarar-lhe.

E ele foi continuando, alterando a voz:

- Não é preciso que o digas. Vendeste a minha espada, desgraçado! Ela a quem devias render vassalagem de escravo! Sim, de escravo, porque o escravo reconhecido jamais se esquece que foi escravo do senhor que lhe deu a liberdade! Vendeste a minha espada, ela que também concorreu para te ajudar a quebrar as cadeias de escravo que te apertavam os pulsos! Renegado, quero a minha espada! Vai resgatá-la com o teu sangue se for preciso! Tirá-la das mãos daquele indigno senhor que tão infame uso faz dela. Daquele cativo sai ela imunda de opróbrio; pois bem, que a malfadada seja resgatada e atirada às profundezas do mar. Vai resgatar a minha espada, viste, renegado!

Acordei sobressaltado, sentei-me; a cama estremecia, como se alguém a tivesse sacudido. Em meus ouvidos zunia a palavra renegado! *Sócrates* rosnava, a lamparina crepitava, e um relógio, como um profundo e rouco gemido de moribundo, tangia uma hora da noite.

O aspecto lúgubre do quarto, o silêncio sepulcral que reinava de uma sombra que se me afigurou ver a um canto parecendo caminhar para mim, à proporção que a lamparina crepitava, e o cão rosnando amedrontado, os meus cabelos hirtos e o coração que me batia sem compasso e isto tudo a um tempo causou-me a mais medonha impressão.

Cheio de pavor, deitei-me novamente, chamei o cão, fi-lo deitar comigo, cobri-me com todos os panos da cama, fechei os olhos e fui repetindo, in mente, o padre-nosso, a ave-maria, o credo e não sei o que mais, até que dormi outra vez.

Acordei às sete horas da manhã.

Foi o meu primeiro cuidado ir à casa do belchior resgatar a espada.

Lá fui.

Perguntei-lhe por ela. O homem não tinha idéia de nunca me ter visto, e nem sabia que espada era essa por que eu lhe perguntava.

Expliquei-lhe ser aquela que eu tinha vendido no dia antecedente.

- Ah! sim - exclamou ele - lembra-me que ontem comprei uma espada e que é de aço superior. Comprei-a ao senhor?

- Justamente respondi-lhe - e por oitenta réis.

- Só? - murmurou ele. - Pois olhe, fiz uma pechincha: o aço é o melhor que por aqui tem aparecido; também é em paga das espigas que levamos. Então o senhor arrependeu-se, hein? Eu logo vi que havia de arrepender-se.

E dizendo isto, foi a um canto do seu bazar e voltou com a espada.

- Ora, aqui a temos - disse apresentando-a. É uma espada real, tão valente como a de Carlos Magno; pergunte-lhe que façanha fez ela ontem à noite.

- Que façanha foi essa - repliquei-lhe.

- Foi - respondeu - que ela deu-me cabo de um batalhão de ratos que por aqui andava a destruir-me os trastes.

A lâmina estava toda tinta de sangue.

Pasmei com a coincidência, lembrando-me do sonho.

Perguntei ao homem quanto queria pela espada; respondeu-me que visto ser eu seu freguês e de mais a mais o próprio que a tinha vendido, dava-me por dez tostões. Não regateei, dei-lhe o dinheiro e sai.

Fui à praia dos Mineiros, fretei um bote e mandei remar para a ilha das Cobras. Quando vi que já teria vencido umas 20 braças mais ou menos, fingi distrair-me e deixei a espada ir ao mar.

Os remadores soltaram uma exclamação a seu modo. Eu soltei também a minha e fingindo-me amuado mandei que voltássemos, dando-lhes a entender que já não tinha o que ir fazer à ilha.

III

O romance faz-se de mais em mais interessante. Raro caso de que o encontro de um antigo amigo traz felicidade. Em que se explica de como o capricho de uma amante rende cem mil-réis, e como acontece que muitas vezes se vende o que ainda não se possui.

Tornando às minhas circunstâncias. Restavam-me uns 20 mil-réis dos 60 que rendera o alazão. Ansioso por ver-me livre daquela quantia pensava como desfazer-me dela.

Dizia, falando com *Sócrates*: temos o quarto pago, e ainda restam-nos livres uns 20 dias; a lavadeira também está paga, o fato ainda resistirá alguns três meses bem puxados: o que nos falta, *Sócrates*? Ai, o alimento! Mas ontem e hoje temos comido sofrivelmente, e não há de ser no jantar de amanhã que havemos de desperdiçar todo este dinheiro. Pensa, *Sócrates* ?!

E o cão punha-se a pular daqui e dali todo alegre da sua vida com o ver-me prazenteiro.

- Qual amanhã! - exclamei interrompendo a voz da prudência que se entremetia com as minhas reflexões, lembrando-me o futuro.

- Eu sou - prossegui - como os tapuia; não tenho amanhã. Há de ser hoje; o meu futuro é o presente e este dinheiro pesa-me nas algibeiras; preciso reparti-lo com alguém... pelo menos.

Eram seis horas da tarde, vesti-me e saí.

Na rua encontrei um meu amigo e contemporâneo de estudos na academia.

Foi logo perguntando se eu tencionava perder o ano.

- Não tenciono - respondi-lhe -, perdi-o. A ciência é lá para ti e outros; vocês que têm papai fazendeiro rico, e mesada à vontade, cama, mesa e luz; livros e extraordinários quando bem lhes parece, e não para mim, que não tenho nada disso, e, entretanto, preciso de cama e mesa.

E francamente expus-lhe todas as minhas circunstâncias.

- E agora? - tornou-me ele.

- Agora - respondi-lhe - namoro a lua, e quando ela não está à janela, dou lições de mímica a este cão. E como a ele dei férias, e, a namorada está de nojo, vou por aqui pensando em que hei de gastar uns 20 mil-réis que aqui levo.

- Como! - exclamou ele - acabas de expor-me as mais críticas circunstâncias...

- Sim, sim - atalhei -, explico-te como isto é em duas palavras. Olha, uns 20 mil-réis para um sobrinho que não via vintém desde que lhe morreu o tio, é um fortunão; mas para um estudante que precisa de tantos 20 mil-réis quantos sejam suficientes para sustentá-lo quatro ou cinco anos numa academia, um 20 mil-réis pesa-lhe nos bolsos, porque não serve para alguma coisa útil. Queres cear comigo?

O meu amigo riu-se do meu modo de pensar, e foi aceitando o convite.

- Aceito - disse - porque preciso falar-te e não quero perder a ocasião. Ando a tua procura há oito dias e não encontrei ninguém que me desse notícias tuas.

- O que vem a ser então? - perguntei-lhe.

- É que de ti - respondeu - depende a minha felicidade...

Parei surpreso. Aquilo pareceu-me zombaria.

- Falo sério - continuou ele -; por minha mãe, que falo sério.

- Desembucha - gritei-lhe - antes que me aborreças.

- Eugênio - continuou ele -, qual foi o primeiro dos teus companheiros a quem deste a ler na academia uma poesia tua?

- Já não me lembro.

- Pois lembre-te que fui eu. Assim como fui eu o primeiro que fez justiça a esse talento que a privação vai, sem dúvida, embotar, e que muitas vezes te defendeu quando alguns dos nossos mais levianos companheiros, despeitados com os teus merecimentos, cuidavam em deprimirtos. Isto não é alegar é recapitular os fatos para regenerar a amizade, essa amizade que dizias consagrar-me, de que eu me prezava tanto, e de que vou dar uma prova fazendo-te um pedido. Primeiramente, porém, deixa-me acabar o exórdio. Não te lembras que foste ma vez encontrar-me lutando com um terceiranista e que até nos separaste?

- Parece-me que sim.

- Pois bem, brigava com esse esturdo, porque tinha tido o descoco de chamar-te um grandecíssimo maluco. Falou-se em poetas eu nomeei-te como um excelente e ele saiu-se com aquela! Lembras-te que na academia era contigo que eu mais me dava, contigo, o mais pobre de todos; eu, um dos mais ricos e felizes de lá? Lembras-te...

- Com os diabos - interrompi-lhe - não sabes pitada de retórica! Onde já se viu um exórdio maior do que a exposição?

- Está bom - tornou-me ele -, entro já na exposição! Ora, dize-me, meu amigo, sabes o que é amar-se uma mulher caprichosa?

- Nem sei como se principia - respondi-lhe, e respondi-lhe uma verdade.

- Pois - continuou ele - não principies nunca. Nunca, se não queres ter o inferno na cabeça e todas as fúrias do ciúme nos seios da alma! Atende-me. Amo, Eugênio, como nunca pensei amar! Oh! que nunca pensei que o amor fosse assim ! Endoideço, eu endoideço ou suicido-me se isto que por aqui vai dentro deste crânio não estoura de uma vez!

Considera que eu amo apaixonadamente como um louco ou antes como um estulto, numa palavra, considera-me perdido por uma mulher casada, a mulher mais caprichosa que possas imaginar, e em cima de tudo lê esta carta.

Entrávamos num hotel. Tomamos lugar, e enquanto o caixeiro arranjava a mesa, li a tal carta.

Era, mais ou menos, este o seu teor.

"Senhor. - Acredito, enfim, no nosso amor; tal é a pintura que dele me fizeste! mas neste instante ainda não vos amo eu. Entretanto, tendes-me cativado muita diferença. Falta pouco, bem vedes, para uma completa vitória. Dizeis-me que sois poeta, romancista e médico; como poeta, causais-me compaixão; como médico, horrorizais-me! Desculpai o falar-vos tão positivamente... porém, em paga, confesso-vos que como romancista serei capaz de amar-vos. Não fazeis idéia, sou louca pelos romances, e por um romancista serei capaz de endoidecer. Aproveitai pois, o enredo deste amor que dizeis consagrar-me, as vossas loucuras, os meus caprichos, as minhas privações como mulher casada, arranjai tudo isso, ainda que seja como um esboço de romance de que eu seja a heroína. Dai mais essa prova de obediência aos meus caprichos, e cortai com os meus sacrifícios..."

- E então? - perguntou-me ao concluir eu a leitora de semelhante carta - E então? É ou não caprichosa?

- Escreve-lhe o romance - respondi-lhe.

- Pois eu lá tenho jeito para escrever um romance? Encarregas-te disso ?

- Não tenho tempo.

- Qual não tens tempo, se não tens o que fazer?

- Mas não mandaste dizer à mulher que és romancista?

- Ora, não me perguntes por isso! Mandei, sim, e vês que essa mentira serviu-me de muito. Ela é capaz de endoidecer por um romancista!... Oh! que cabeça de fogo para reclinar-se neste seio, onde labora um vulcão! Oh! se a visses... é realmente um tipo para romance! Que olhos lânguidos e que desdém o seu? Quanta poesia, quanta... Oh! pelo amor de Deus, faze-me feliz, Eugénio?!

- Como?

- Escrevendo o romance. Conheces-me bem, sabes que eu sou incapaz de escrevê-lo, palavra de honra que não saberei encadear um único capítulo.

- Contudo mandaste dizer à mulher que és romancista.

- Pois se eu já não tinha mais o que dizer-lhe? Lancei mão desse estratagema pensando ser mais feliz por intervenção da impostura e não me enganei. Façamos um contrato?

- Vai dizendo.

- Daqui a três dias sigo para a minha fazenda. Meu pai está bastante doente e minha mãe escreveu-me pedindo-me que deixe a academia e parta o quanto antes. Não posso ali demorar-me mais de um mês. Durante esse tempo escreve o romance e o mês corre por minha conta. Faze de conta que és meu guarda-livros. Tens o ordenado de duzentos mil-réis por mês; pagote já 15 dias adiantados, e os outros ao entregares-me os livros em dia, isto é, o romance concluído, aceitas?